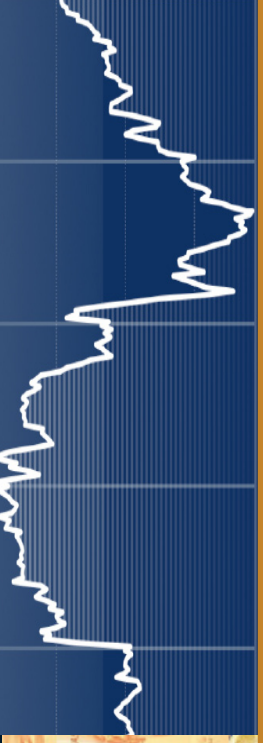
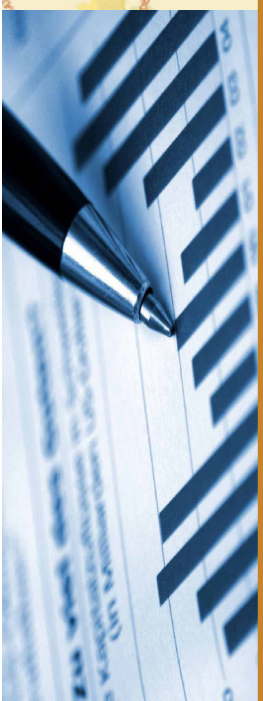




Revista
ECONOMIA & TECNOLOGIA

ISSN 2238-4715 [*impresso*]
ISSN 2238-1988 [*on-line*]

Análise Mensal

Nº 33 - Setembro de 2014

Estagnação e Desemprego

UFPR 100 Anos 1912 - 2012

Revista
ECONOMIA & TECNOLOGIA

ISSN 2238-4715 [*impresso*]
ISSN 2238-1988 [*on-line*]

Análise Mensal

Nº 33 - Setembro de 2014

Editores
João Basílio Pereima Neto
Fernando Motta Correia
Alexandre Alves Porsse

Coordenação Executiva
Luiz Carlos Ribeiro Neduziak

Equipe Técnica
Prof. Celso Y. Ishida (UFPR-DECIGI)
Manuela Merki (Pós-Doutorado PPGDE)
Felipe Gomes Madruga
Elivelton Pontes
Rodrigo Henrique Bosco
Nayara de Oliveira Marques

Universidade Federal do Paraná

Reitor
Zaki Akel Sobrinho

Diretor do Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Ana Paula Mussi Cherobim

Chefe do Departamento de Economia
João Basílio Pereima Neto

Coordenador do programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico (PPGDE/UFPR)
Fernando Motta Correia

Esta e outras edições da **Análise Mensal** estão disponíveis para download em: http://www.economiaetecnologia.ufpr.br

Revista
ECONOMIA & TECNOLOGIA

ISSN 2238-4715 [*impresso*]
ISSN 2238-1988 [*on-line*]

Apresentação

A **Análise Mensal** é uma publicação realizada pela equipe técnica da Revista Economia & Tecnologia (RET), é divulgada toda última semana de cada mês e está disponível para download no endereço: http://www.economiaetecnologia.ufpr.br.

O objetivo da **Análise Mensal** é tratar de dois temas relevantes de conjuntura macroeconômica que estejam em evidência nas agendas nacional e internacional. Todo o conteúdo é debatido e escrito coletivamente pela equipe técnica da RET, sendo que as opiniões emitidas são de responsabilidade dos Editores.

Para o mês de setembro de 2014 a Análise Mensal trata do desemprego e da estagnação econômica brasileira. Apesar de um crescimento econômico baixo a taxa de desemprego permanece em torno dos 5% não havendo expectativa de reduções no curto prazo. Ainda que tenhamos uma taxa de crescimento econômico e de desemprego praticamente estável, a redução no saldo de contratações é preocupante no longo prazo, pois mesmo nos estados brasileiros mais desenvolvidos o saldo de contratação vem diminuindo a cada ano, desde 2011. No agregado nacional menos pessoas foram empregadas nos primeiros oito meses de 2014 comparado ao mesmo período de 2009, ano em que a crise do subprime atingia o Brasil.

O desemprego foi comparado nos diferentes estados brasileiros assim como nos diversos setores da economia, havendo destaque para o setor de serviços que continua gerando com alto saldo líquido de contratações. A indústria possui maior instabilidade na geração de empregos, podendo entrar em um cenário recessivo nos próximos meses. A redução na geração de novos empregos foi observada a partir de 2011 e a tendência continua para 2014, portanto, a garantia de novos postos de trabalho e a estabilização da taxa de desemprego em 5%, patamar aceito pela população, estarão ameaçados no longo prazo.

Boa Leitura!

João Basilio Pereima
Editor-Chefe (e-mail: ret@ufpr.br)

UFPR 100 Anos 1912 - 2012

Estagnação e Desemprego

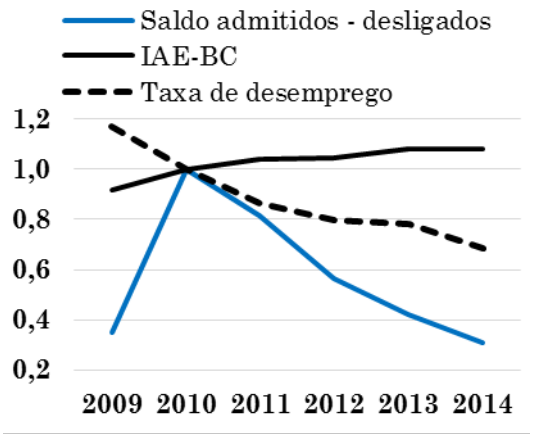
As baixas taxas de crescimento econômico dos últimos 4 anos e a continuidade da desaceleração do nível de atividade econômica em 2014/2015 embora não tenham sido suficientes para fazer aumentar a taxa de desemprego, estão reduzindo em muito o fluxo de contratações. A taxa agregada de desemprego de aproximadamente 5% tem-se mantida constante. No entanto em alguns setores e em alguns estados da federação o número de demissões já é maior que o de contratações e saldo de contratações e demissões tem se tornado negativo. Se o país não voltar a crescer em 2015 a taxa agregada de desemprego aumentará. Até o momento, a sociedade tem se demonstrado satisfeita com uma taxa agregada de desemprego de 5%, deixando o governo em uma situação politicamente confortável. No entanto a zona de conforto está reduzindo suas fronteiras. O espaço de manobra é cada vez menor uma vez que o mercado de trabalho está caminhando em direção à uma conjuntura de baixa geração de emprego. Se houver agravamento da situação econômica e a estagnação continuar poderá até haver aumento da taxa de desemprego. Como o gráfico 1 abaixo mostra, o saldo de contratações continua positivo, mas seu nível vem caindo dramaticamente nos últimos anos.

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho a economia brasileira continua a gerar postos de trabalho, mesmo durante o crescimento quase zero que provavelmente se observará em 2014. Nos primeiros 8 meses deste ano enquanto 14,38 milhões de trabalhadores foram admitidos outros 13,78 milhões foram demitidos resultando num saldo de aproximativamente 600.000 novos empregos. No entanto, a situação está longe de ser confortável. Em comparação aos últimos 5 anos isso foi o pior número, abaixo ainda do número de novos empregos gerados no ano da crise de 2009.

Gráfico 1 – Geração de emprego

Fonte: CAGED.
Em milhões. Considerando valores acumulados nos 8 primeiros meses de cada ano.

Gráfico 2 – Relação indicadores macroeconômicos



Fonte: CAGED, BCB, IBGE.
Curvas relativas à 2010=100. Considerando valores acumulados nos 8 primeiros meses de cada ano.

O movimento de redução do saldo de contratações é generalizado e atinge tanto os maiores quanto os menores estados do país (gráfico 3 e 4). No intuito de fornecer uma visão proporcional ao longo dos anos e poder comparar Estados de tamanho diferente, tomamos o saldo de contratações em 2010 como referência fazendo-o igual à 1, sendo 2010 o ano de maior geração da série desde 2009. A partir daí cada Estado segue seu curso. O que se constata é que os Estados maiores e mais desenvolvidos continuam com um saldo positivo entre admitidos e desligados e caindo em velocidades diferentes. Os Estados menores e menos desenvolvidos estão em situação pior e em alguns casos o saldo já é negativo. O melhor desempenho se encontra em Santa Catarina onde o número de novos empregos nos primeiros 8 meses de 2014 corresponde à quase 80% do número gerado em 2010. O Paraná se encontra na segunda melhor situação mas com um nível de contratação que é aproximadamente 50% do valor observado em 2010.

A situação é mais grave nos estados menores e menos desenvolvidos alguns dos quais já vivem um cenário adverso no mercado de trabalho, apresentando redução absoluta de postos de trabalho. A pior situação relativa é a do Amapá que está gerando desemprego num nível equivalente à mais de uma vez (índice negativo -1,2) vezes o que gerava de emprego em 2010. A situação é completamente oposta, com demissão 1,2 maior que as admissões de 2010. Em seguida vem Pernambuco com um nível de destruição de empregos equivalente -0,7 (negativo). Em outras palavras, para cada 100 trabalhadores contratados em 2010, nos primeiros 8 meses de 2014 Pernambuco está demitindo 70. Para algumas regiões do Brasil o cenário de desemprego por conta de estagnação já começou e nestes estados já poderíamos caracterizar a dinâmica econômica como recessiva.

A decomposição por setores de atividade econômica revela informações adicionais interessantes sobre o desempenho do mercado de trabalho ao longo de 2014. O setor que tem evitado um aumento do desemprego no nível agregado é o de serviços que, em termos absolutos (gráfico 6), gerou aproximadamente 300.000 empregos nos primeiros 8 meses do ano.

A indústria é o setor com maior volatilidade na geração de emprego, fato que não surpreende pois o setor é afetado diretamente por repercussões do mercado exterior, interior, do investimento e do consumo de forma mais direta que outros setores. A indústria caminha a passos largos para um cenário recessivo e poderá encerrar o ano de 2014 com saldo negativo. Consta-se também uma grande volatilidade no setor de serviços e na construção civil. O efeito negativo na construção tem sido previsto após as obras da Copa e em vista do desaquecimento no setor imobiliário após o boom imobiliário dos anos anteriores. Um fato que chama a atenção é o aumento da contratação no setor da educação. Mais de 106.200 professores e/ou funcionários adicionais foram contratados nos primeiros 8 meses de 2014, fato que pode ser interpretado como sinal positivo mesmo se a qualidade da educação em parte das instituições deixa a desejar.

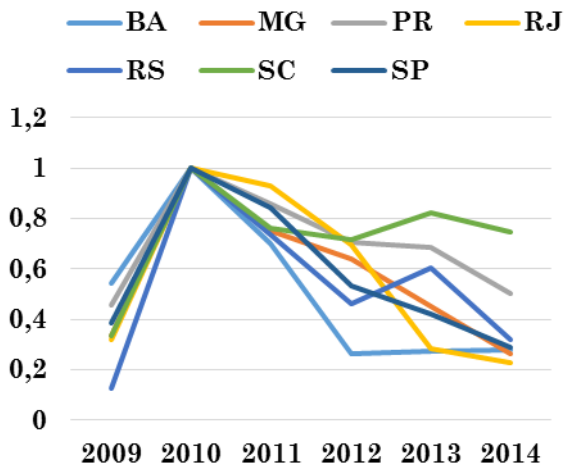
O que esperar para o futuro? A curto prazo a geração de emprego poderia diminuir ainda mais – mesmo com investimentos em infraestrutura, saúde e educação tendo um efeito estabilizador. A mudança estrutural que enfrenta a economia brasileira não parece caracterizar um processo virtuoso com migração de mão de obra de setores de baixa qualificação e produtividade para setores de alta. Pelos dados do mercado de trabalho uma exceção é o setor de educação que apesar da grande desaceleração ainda é o único setor que continua aumentando o saldo de geração de emprego. Na verdade seu comportamento é estável e apresenta uma sutil tendência de aumento. Não deixa de ser uma boa notícia para uma economia em desaceleração. No entanto esta estabilidade decorre do grande volume de professores e funcionários contratados pelo setor público, de forma que este é um setor pouco afetado por oscilações conjunturais na economia. O mercado de trabalho neste caso é rígido.

De maneira geral a tendência para o mercado de trabalho em 2014 é de estagnação, com perdas maiores para Estados mais pobres e localizadas em alguns setores. Dentre os mais importantes o setor industrial, por ser este um setor de produção e disseminação de inovações tecnológicas e mobiliza grandes investimentos e portanto tem a capacidade de impulsionar a taxa de crescimento. Esta é uma combinação perversa. A estagnação econômica, e uma provavel recessão que parece estar em curso, irá afetar primeiramente as populações destes Estados mais pobres e terá efeitos deletérios nos setores mais avançados da economia diminuindo-lhes a produtividade. Mesmo diante de um cenário de estagnação, é de se esperar que indicadores de distribuição de renda e bem estar comecem a piorar. Em seu atual estágio de desenvolvimento, o Brasil caracteriza-se por uma economia e sociedade que necessita pelo menos mais três décadas

ininterruptas de crescimento econômico, como forma de fazer a renda per capita quadruplicar, saindo dos atuais US$ 15.000/ano para US$ 60.000, um nível mais próximo do padrão de vida médio alcançado pelos países industrializados. Para quadruplicar a renda per-capita crescendo à uma taxa de 5% ao ano, de forma ininterrupta, seriam necessários exatos 28,4 anos.

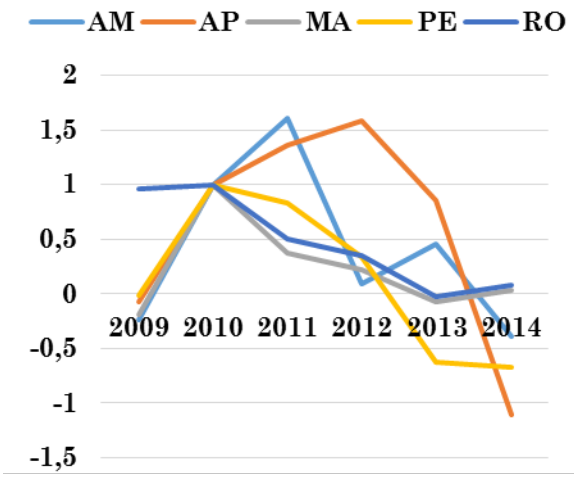
Os dados do mercado de trabalho mostram uma trajetória desanimadora de longo prazo. Os avanços observados no ciclo de crescimento 2004-2010 começaram a se deteriorar a partir de 2011 e 2014, longe de ser um ano de reversão desta tendência negativa é o pior ano em termos de mercado de trabalho e certamente irá encerrar 2014 como o pior ano em termos de geração de emprego nos últimos 5 anos, com tendência de agravamento em 2015.

Gráfico 3 – Maiores estados, saldo admitidos-desligados



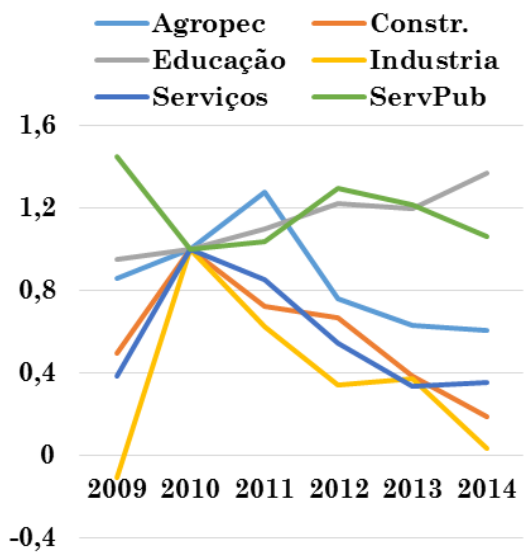
Fonte: CAGED.
Em relação a 2010. Considerando o saldo acumulado nos 8 primeiros meses de cada ano.

Gráfico 4 – Maiores perdedores, saldo admitidos-desligados



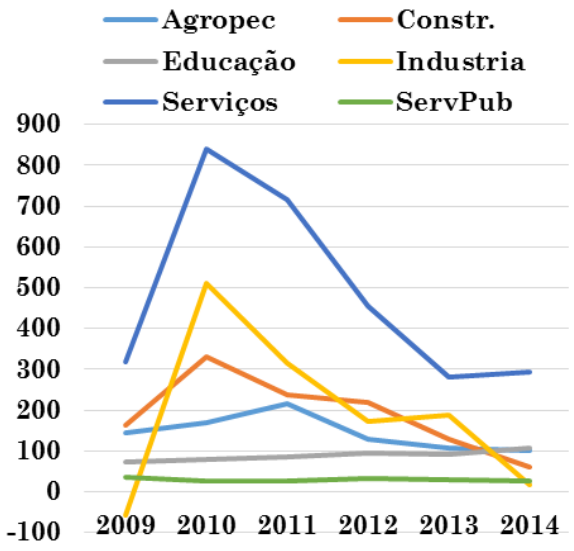
Fonte: CAGED.
Em 1,000. Considerando o saldo acumulado nos 8 primeiros meses de cada ano.

Gráfico 5 – Analise setorial relativa - 2010=100



Fonte: CAGED.
Em relação a 2010. Considerando o saldo acumulado nos 8 primeiros meses de cada ano.

Gráfico 6 – Analise setorial, absoluta



Fonte: CAGED.
Em 1,000. Considerando o saldo acumulado nos 8 primeiros meses de cada ano.